

Cidadania e Cultura contra as barreiras simbólicas: o caso do circuito cultural PopRua e o Instituto Tomie Ohtake

Jordana Aparecida Alvaro Braz¹

Resumo: O presente artigo analisa a eficácia dos programas socioeducativos realizados por instituições culturais e seu alcance sobre os públicos atendidos e o objeto de pesquisa deste estudo é a parceria do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC), que é parte do Programa Circuito Cultural PopRua. A parceria entre a instituição de cultura e a SMDHC iniciou-se no segundo semestre de 2018 e contou com um conjunto de atividades entre elas, a formação de profissionais de assistência social em processos, contemplando oficinas e visitas guiadas em exposições do Instituto Tomie Ohtake.

Palavras-chave: democratização da cultura, cidadania, setor educativo, ações socioeducativas.

Abstract: This article analyzes the effectiveness of socio-educational programs carried out by cultural institutions and their reach on the public served and the research object of this study is the partnership of the Center for Culture and Participation of the Tomie Ohtake Institute with the municipal secretariat of human rights and citizenship of São Paulo (SMDHC), which is part of the PopRua Cultural Circuit Program. The partnership between the institution of culture and SMDHC began in the second half of 2018 and included a group of activities among them, the training of social assistance professionals in processes, including workshops and guided tours in exhibitions of the Institute Tomie Ohtake.

Keywords: culture democratization, citizenship, educational sector, socio-educational actions.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais, orientado pela Profa.Dra. Karina Poli.

¹ Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC–USP, bacharela em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (2017). É Educadora no Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake desde fevereiro de 2017.

Resúmen: El presente artículo analiza la eficacia de los programas socioeducativos realizados por instituciones culturales y su alcance sobre los públicos atendidos y el objeto de investigación de este estudio es la asociación del Núcleo de Cultura y Participación del Instituto Tomie Ohtake con la secretaría municipal de derechos humanos y ciudadanía de derechos São Paulo (SMDHC), que es parte del Programa Circuito Cultural PopRua. La asociación entre la institución de cultura y la SMDHC se inició en el segundo semestre de 2018 y contó con un conjunto de actividades entre ellas, la formación de profesionales de asistencia social en procesos, contemplando talleres y visitas guiadas en exposiciones del Instituto Tomie Ohtake.

Palabras clave: democratización de la cultura, ciudadanía, sector educativo, acciones socioeducativas.

Introdução

Os programas socioeducativos de instituições culturais visam democratizar a cultura e atuam como meio para diminuir as barreiras interpretativas que dificultam o acesso às instituições culturais e seus conteúdos. Por parte das instituições culturais, existe um investimento para a elaboração e realização de ações educativas que atendam grupos excluídos socialmente, como pessoas em vulnerabilidade social e/ou situação de rua. Uma maneira de viabilizar as ações educativas é o estabelecimento de parcerias com a prefeitura, através das secretarias de educação e direitos humanos e cidadania.

Para alguns grupos sociais, mesmo utilizando dos programas socioeducativos, suas presenças nas instituições culturais podem realçar a sensação de exclusão e que aquele lugar “não são para pessoas como elas”. Seja pela arquitetura do lugar ou pela localidade, existem indícios que afastam grupos minoritários e dependendo de como é realizado o acesso destes grupos às instituições culturais, pode causar constrangimento e gerar o não interesse em voltar. Será através do Circuito Cultural PopRua, e da parceria do Instituto Tomie Ohtake e da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC) que este trabalho investigará o alcance efetivo de ações socioeducativas na democratização de espaços culturais. O estudo contará com observações empíricas sobre as atividades socioeducativas feitas pelo Instituto Tomie Ohtake e sobre o circuito cultural PopRua.

Para entender a importância dos espaços culturais para a formação e recepção de públicos, o conceito de democratização da cultura e a importância dos centros culturais serão abordados através da autora Isaura Botelho e Maria Carolina Vasconcelos Oliveira, as concepções de lugar e espaço serão desenvolvidas através das definições do geógrafo Milton Santos, a noção de exclusão social e inclusão social como conceitos únicos de Stephen Stoer e violência simbólica desenvolvidos por Pierre Bourdieu. Inicialmente, será apresentado o setor educativo e a sua importância nos centros culturais para a relação entre público e instituições de cultura.

1. Setor Educativo: a ponte entre as instituições culturais e prática cultural

As instituições culturais possuem um setor que pensa e atua com a recepção e o acolhimento dos públicos, comumente chamado de setor Educativo e responsável pelas ações educativas. As atividades podem ser desde ações poéticas no espaço expositivo, visitas agendadas até atividades voltadas para a produção artística na instituição ou em outros locais. Entende-se que a existência do setor educativo colabora com a sensibilização dos públicos para práticas artísticas, assim como o interesse em visitar os espaços artísticos e culturais.

No Brasil, a intenção de aproximar as instituições culturais e público iniciou no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Roquete Pinto, diretor do Museu Nacional nos anos 1920, escreve o texto *A História Natural dos Pequeninos* após presenciar uma visita escolar à instituição e afirmou que andaram olharam e passaram como um fio de água numa lâmina de vidro engordurada “uma tristeza de se ver”.

Em 1958, foi realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o Seminário Internacional sobre o Papel Pedagógico do Museu, promovido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e coordenado por Georges Henri Rivière, primeiro diretor do ICOM, entre 1946 a 1962.

Nos anos 1960, começaram a implantação de serviços educativos em diversos museus brasileiros e na década de 1970 foi importante para a área museológica na América Latina a partir da ideia de Museu Integral, oriundo da Carta de Santiago de 1972. As resoluções estabelecidas na Carta de Santiago entendem o contexto histórico social da América Latina e reconhece o papel sociocultural dos museus como uma perspectiva no compromisso social.

Este artigo debruçará seu entendimento sobre o Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake, localizado no bairro de Pinheiros, zona oeste de São Paulo. Inaugurado em 2001, o instituto homenageia a artista Tomie Ohtake (1913-2015) e como centro cultural desenvolve exposições artísticas, cursos sobre arte contemporânea, atividades como debates, pesquisa, produção de conteúdo, documentação e edição de publicações.

O Instituto Tomie Ohtake é reconhecido por seu Núcleo de ação Educativa, iniciado por Stela Barbieri em 2002. Desde 2016, a direção do núcleo está com Felipe Arruda e devido a crescente atuação do Instituto no campo da cultura e a ampliação de sua atuação e engajamento do público em suas atividades, o núcleo é nomeado de Cultura e Participação. No site oficial da instituição é descrita as atuações do núcleo:

“No campo da ação cultural, o Núcleo de Cultura e Participação vem desenvolvendo projetos em que diferentes públicos - em especial aqueles em condição de vulnerabilidade social, como pessoas em situação de rua, pessoas com deficiência, crianças moradoras de abrigos, jovens em liberdade assistida, etc - possam participar da vida cultural da cidade e serem protagonistas de experiências críticas e criativas, ampliando sua expressão no mundo. Os projetos, que acontecem tanto no Instituto Tomie Ohtake como em outras instituições em São Paulo e em outras cidades, se desdobram em atividades como programas de formação, oficinas, visitas a espaços culturais, expedições urbanas, mostras de filmes, apresentações musicais, debates, seminários, intervenções artísticas, publicações, produtos audiovisuais, etc.”

Mesmo com os projetos envolvendo grupos em vulnerabilidade social, ainda existe um distanciamento por parte destes públicos com o espaço cultural, sendo que muitas pessoas se sentem obrigadas ou não se sentem confortáveis por estarem presentes no instituto. O Núcleo de Cultura e Participação é responsável pelas visitas realizadas em seu espaço expositivo pela equipe de ação e pesquisa educativa, responsável por pesquisas vinculadas à arte, planejamento e execução de atividades didáticas que provocam a experiência em artes plásticas no público. De 2014 a 2017, o Instituto possuiu o programa de acessibilidade, uma parceria com financiamento via Lei Rouanet pela empresa Cielo.

O Programa de Acessibilidade do Instituto Tomie Ohtake desenvolveu experiências educativas regulares e uma programação gratuita em arte e cultura com foco no atendimento de públicos com deficiências e outros que não têm garantidos seus direitos sociais e com restrições de acesso à cultura institucionalizada. As atividades incluem: manhãs de histórias (contação de histórias baseada nas exposições do

instituto); no colo (atividade em arte desenvolvida para famílias e bebês); oficinas profissionalizantes com recursos de acessibilidade (Libras); visitas educativas para públicos com deficiência ou em vulnerabilidade socioeconômica (os grupos recebiam transporte e lanche).

Em 2018, a parceria entre o programa de acessibilidade do Instituto Tomie Ohtake e a Cielo terminou e muitas ações não aconteceram, como as ações que aconteciam no bairro do Canindé, zona Norte de São Paulo. Ao mesmo tempo, o Núcleo de Cultura e Participação estabeleceu parcerias com a prefeitura de São Paulo e algumas secretarias, como a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos.

O recorte de análise deste trabalho será a parceria entre o Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake e o Circuito Cultural PopRua, projeto que integra as ações da SMDHC. (Secretaria Municipal de *Direitos Humanos* e Cidadania da Prefeitura da Cidade de São Paulo). O PopRua é um comitê que atua na construção de políticas que oferecem oportunidades, assegurando cidadania para população em situação de rua da cidade de São Paulo e existe desde 2013, após o então prefeito de São Paulo Fernando Haddad assinar o termo de adesão à Política Nacional da População em situação de rua. O comitê foi oficializado através do decreto nº 53.795 de 25 de março de 2013.

O Circuito Cultural PopRua é um projeto da SMDHC em parceria com mais de dez instituições culturais espalhadas pela cidade de São Paulo. O objetivo do projeto é possibilitar a promoção do acesso da população em situação de rua à programação cultural, às atividades complementares das instituições culturais (como oficinas); a formação de profissionais das redes de saúde e assistência social que atuam com esta população.

A parceria com o Instituto Tomie Ohtake é a única na região oeste de São Paulo e faz parte do circuito cultural que também acontece na região central, incluindo parceria com as instituições Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu da Resistência e Museu de Arte Sacra. Segundo as informações no site da prefeitura de São Paulo, o circuito cultural contemplou mais de 160 pessoas em situação de rua e as formações de profissionais contemplaram cerca de 50 pessoas.

A atuação conjunta entre a SMDHC e o Instituto Tomie Ohtake só foi possível porque o Núcleo de Cultura e Participação do Instituto aderiu procedimentos de atuação que visam o trabalho continuado e acompanhado em ações parceiras, afim de diminuir a distância entre grupos participantes e as práticas que atendem conhecimento e necessidades prévias e posteriores dos participantes, e além de atividades parceiras, as atividades oferecidas pelo Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake incluem visitas guiadas pelas exposições, ateliês de arte aberto, cursos sobre história da arte e práticas artísticas para os diferentes públicos.

Apesar desta parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, especificamente, alguns questionamentos sobre a relação dos públicos com a instituição cultural e o distanciamento que pode haver com grupos minoritários continuam e espera-se que as respostas para questões como as ações socioeducativas realizadas pelo Instituto Tomie Ohtake são eficazes contra o distanciamento entre grupos minoritários e a instituição? E as ações educativas continuadas são alternativas potentes contra o distanciamento causado pelas relações de poder que podem ocorrer nos espaços culturais?

Este trabalho pretende compreender, através da parceria com a SMDHC, sobre as barreiras simbólicas que podem existir e que influenciam no acesso ao Instituto Tomie Ohtake e que pode provocar o distanciamento por parte do público que está em algum grupo em vulnerabilidade social. Entende-se que as barreiras podem estar relacionadas ao contexto geográfico que o instituto está inserido, como o fator da localização do Instituto Tomie Ohtake, localizado no bairro de Pinheiros (zona oeste de São Paulo) e pela arquitetura (o prédio que abriga o instituto também funciona como centro empresarial) e por ser um instituto de arte, considerado um capital social.

Esta problemática surge pela minha observação empírica devido a minha atuação, desde fevereiro de 2017, como Educadora da Instituição e percebo que durante as visitas educativas nas exposições do Instituto Tomie Ohtake tem sido muito comum as pessoas que visitam o instituto pela primeira vez demonstrem não se sentirem à vontade e expressarem um desconforto na forma de perguntas como “Aqui é lugar de gente rica?” ou então não participar ou perguntar por medo de errar ou por “não saber”.

Para aproximar a instituição e o grupo visitante, as ações educativas no Instituto Tomie Ohtake iniciam com a recepção do grupo, envolvendo uma apresentação sobre o

que é o instituto, quais orientações de convivência (o que pode ou não fazer no espaço expositivo) e alguma dinâmica que envolve a apresentação de cada integrante do grupo. Este primeiro contato é chamado de acolhimento e procura reduzir a distância do grupo com o local. Porém, a necessidade de práticas iniciais à visita indica que para a permanência no local, existem regras e atitudes que todas as pessoas visitantes devem obedecer.

A menção às “regras de bons costumes” indica que o espaço cultural possui dinâmicas de convivência que são próprias daquele espaço e os indivíduos visitantes, que já possuem o hábito de visitar outros espaços semelhantes, possuem o conhecimento e não sentem desconforto. Os grupos visitantes em vulnerabilidade social podem perceber tais regras como uma ação do lugar sobre suas experiências e a sensação de não pertencimento é intensificada e expressada de maneiras diferentes, seja com perguntas ou por vergonha de participar das atividades por medo de errar e por “não saber”.

Além da percepção subjetiva dos grupos visitantes em vulnerabilidade social, as barreiras simbólicas provavelmente encontradas no Instituto Tomie Ohtake ocorrem através do suntuoso prédio que abriga o centro cultural, projetado por Ruy Ohtake, que pode causar a impressão que o acesso àquele espaço é seletivo e quando adentrado, pode provocar o sentimento de segregação e exclusão. E é por meio de algum indício de barreiras simbólicas que as ações socioeducativas do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake atuam no intuito de democratizar o acesso ao instituto.

A metodologia qualitativa cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas com os profissionais do Instituto Tomie Ohtake responsáveis pela formação e uma assistente social que participou da formação (não serão divulgados seus nomes). Foram pensadas oito perguntas, sendo divididas cinco perguntas para os profissionais responsáveis pela formação do Instituto Tomie Ohtake e três perguntas para assistente social que participou da formação. O tempo de duração total das entrevistas foram 24 minutos e as respostas foram transcritas e utilizadas como recurso para a análise de dados.

Além das três entrevistas, foi realizado o acompanhamento do último encontro reunião da formação dos profissionais inscritos no Circuito Cultural PopRua e o mesmo foi documentado através de fotografia digital. A atividade contou com uma saída pela região de Pinheiros. A seguir, alguns conceitos importantes, e que se relacionam entre

si, para a análise dos materiais coletados serão apresentados: democratização da cultura, lugar, exclusão e violência simbólica.

2. Lugar, Exclusão e violência simbólica: conceitos intrínsecos à democratização da cultura

O papel da instituição cultural na formação de indivíduos não é um assunto novo. A atenção para a importância das instituições de cultura inicia-se com o pensamento sobre a democratização do acesso à cultura, na década de 1950, na França, e difundido pelas orientações da Unesco em congressos internacionais nas décadas de 1960 e 1970.

Segundo Isaura Botelho, no texto *Democratização da Cultura: Discutindo Pressupostos*, nos apresenta o conceito de democratização cultural como:

um movimento de cima para baixo, que se crê disseminar, a um número cada vez maior de indivíduos, essa herança feita de práticas e representações que, por sua suposta universalidade, compõem um valor maior em nome do qual se formulam as políticas públicas na área da cultura. (BOTELHO,2016, p.50)

No caso, entende-se que instituições artísticas e culturais ainda são lugares inacessíveis para parte da população, mantendo a elite como maioria na formação do público que frequenta os espaços culturais. Estabelecer um núcleo que desenvolve ações que possibilitam a experiência é essencial nas instituições de cultura porque os sujeitos, além de público, atuam no espaço e ampliam a sociabilização. Ativar os espaços culturais como espaço de vivência social é muito importante.

O artigo *Centros Culturais e a Formação de Novos Públicos*, escrito por Isaura Botelho e Maria Carolina Vasconcelos, aponta a importância de espaços de sociabilização que os centros culturais possuem para aproximar potenciais públicos. Para as autoras:

“[...] ao se aproximar primeiramente do Centro como um espaço de lazer, de sociabilidade – um local em que se passa o tempo com amigos ou família – o indivíduo quebra algumas barreiras simbólicas (barreiras de estranhamento) que ele possui em relação às manifestações artísticas em si. Em segundo lugar, porque um espaço de lazer favorece que o indivíduo multiplique e diversifique seus laços sociais, e sabe-se que a figura do “amigo” ou “conhecido” pode funcionar como um importante mediador entre o praticante e as manifestações artísticas. Outro aspecto importante é que a arquitetura

e a disposição dos espaços físicos podem representar uma colaboração inestimável para favorecer não apenas o convívio e a sociabilidade (...) a previsão de espaços com usos diversificados ou contíguos (como espaços para esportes ou salas de leitura ao lado de espaços expositivos ou teatros) pode favorecer a transição de uma atividade para a outra.” (BOTELHO; OLIVEIRA, 2016, p.286)

Pensar a receptividade não é apenas criar atividades pedagógicas que colaboram com a fruição da arte, mas também é tornar as instituições culturais espaços horizontais no âmbito das relações humanas. No livro *A natureza do lugar*, a definição do geógrafo Milton Santos para o significado de lugar relaciona-se com a ideia que o lugar é um meio de reprodução do mundo e por isso, Segundo Santos:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p.218).

No livro *Da totalidade ao lugar*, Milton Santos indica que os espaços não são ambientes neutros na formação social. Para o autor:

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS, 2014, p.33)

A percepção do espaço pelo público acontece de maneira subjetiva e que pode passar a ser coletiva se as pessoas que compõe um grupo visitante estão acostumadas com o ambiente. O espaço cultural, mesmo oferecendo atividades que desejam inclusão de todas as pessoas, grupos sociais minoritários podem não se sentirem parte daquele contexto e podem se sentir excluídos, reforçando as violências que a sociedade habitualmente produz.

Em *Os lugares da Exclusão social* dos autores portugueses Stephen R. Stoer, António M. Magalhães e David Rodrigues, apresentam o termo exclusão social e inclusão social como um único conceito. Para os autores:

Estes conceitos são enquadrados no âmbito da “problemática da equidade” e da “problemática do conhecimento” e atuam como um mapa para compreender como as políticas são postas em práticas. (...)

A inclusão social e a exclusão social são conceptualizadas como duas entidades diferentes nas quais o objetivo é produzir inclusão social e eliminar a exclusão “de determinados grupos de actores sociais, tais como aqueles definidos por classe, sexo, raça ou etnia”.” (STOER; MAGALHÃES; RODRIGUES, 2004, p.27).

Estar em um lugar onde as relações iniciais favorecem mais grupos do que outros, além de segregar, nos leva ao pensamento que o local impõe uma dominação para determinados grupos apenas por não possuírem o repertório que aquele contexto possui.

Pierre Bourdieu apresenta o conceito de violência simbólica, no tocante de que a sensação de não pertencimento é consequência de uma relação estabelecida entre grupos dominantes e dominados e que ocorre em um campo estruturalmente dominante. Em *A dominação masculina*, Bourdieu afirma:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2002, p.51)

Olhar para as instituições e identificá-las como lugares que provocam violências simbólicas não é algo novo. O texto *Ensaio sobre violências nas organizações* de Alexandre Reis Rosa e Mozar José de Brito utiliza do conceito para pensar como se manifesta a violência simbólica nas instituições e como ela atinge determinados grupos sociais. Para os autores:

“A lógica da violência simbólica reside em conservar padrões dominantes e manter a estabilidade do campo, assegurando a dominação por parte daqueles que ocupam posições consagradas nesses espaços descritos e, com isso, subjugar aqueles que nele se inserem ou seja, as minorias”. (ROSA; BRITO, 2007, p. 642)

A relação de dominação do lugar e grupos minoritários ou em vulnerabilidade social caracteriza violência simbólica e reforça padrões de desigualdade social que ocorrem em outros espaços de sociabilização. Através do conceito de democratização da cultura, o trabalho apresentou como os centros culturais são importantes como espaço de sociabilidade e formação de públicos.

Apresentou-se os conceitos de democratização cultural e a importância dos centros culturais pela perspectiva de Isaura Botelho, o conceito de lugar de Milton Santos e a perspectiva de exclusão social e inclusão social como um conceito único de Stephen R. Stoer, António M. Magalhães e David Rodrigues os conceitos de violência social de Pierre Bourdieu, o material coletado pelas entrevistas serão analisados afim de investigar as ações de formação e visita da parceria entre a SMDHC e o Instituto Tomie Ohtake são eficazes.

3. A saída do Instituto Tomie Ohtake para o território e entrevistas com os participantes: dados importantes para a compreensão do caso

O Circuito Cultural PopRua ocorreu na região oeste de São Paulo, através da parceria estabelecida com o Instituto Tomie Ohtake e atividades oriundas da parceria (formação dos profissionais de saúde e assistentes sociais e visita às exposições) aconteceram durante os meses de setembro a dezembro. Como parte do circuito cultural, foram organizados quatro encontros mensais e com duração de duas horas: no dia 19 de setembro, o primeiro encontro foi a visita à exposição Histórias Afro-atlânticas; no dia 17 de outubro uma atividade que envolvia a reflexão da visita à exposição Histórias Afro-Atlânticas; no dia 14 de novembro aconteceu uma oficina sobre colagem com artista Renata Cruz e no dia 12 de dezembro uma deriva pelos arredores do Instituto Tomie Ohtake junto com a produção artística e fechamento do primeiro módulo da formação.

É previsto que a parceria entre SMDHC e Instituto Tomie Ohtake continue no ano de 2019, entre os meses de abril a outubro. Serão feitas novas ações socioeducativas e abriram novas vagas para a formação de profissionais.

3.1 O último encontro

A última reunião, realizada em 12 de dezembro de 2018, contou com a presença de oito profissionais da área da saúde e assistência social inscritos no Circuito Cultural PopRua, além de dois educadores do Instituto Tomie Ohtake. No início do encontro, foi recapitulado pelos educadores o encontro anterior, que contou com a oficina de caderno e falou como aproximar vida e arte contemporânea através a colagem.



Figura 1. Atividade prática pela região de Pinheiros, 12/12/2018.

Foto: Jordana Braz

A atividade sobre colagem teve o intuito de ampliar a perspectiva dos profissionais inscritos na formação para suas atuações profissionais e como inserir processos artísticos na prática de seus públicos atendidos. Como fio condutor dos últimos encontros e para a realização de uma produção artística materializada, a atividade do dia 12 de dezembro foi a realização de um cartão postal a partir de uma deriva que os profissionais inscritos na formação PopRua realizaram pelos arredores do Instituto Tomie Ohtake. O grupo foi dividido por três duplas e eles tiveram cerca de 40 minutos para a deriva e a produção do cartão postal.

A observação da deriva colaborou com esta pesquisa para a ampliação do entendimento sobre como o território é importante para pensar os espaços que o habitam. A proposta da atividade, que consistiu na coleta de objetos encontrados pela

rua e criassem através da técnica de colagem e *frotage*² uma relação entre a percepção do lugar e o que ele afeta no indivíduo, quais memórias ou reflexões são geradas com a presença do corpo no espaço público. O objetivo da atividade era explorar possibilidades de trabalhar com arte em ambiente público e na rua, pois alguns profissionais que participaram da formação atuam no consultório na rua (atividade em que equipes atuam de forma itinerante pela cidade de São Paulo cuidando de pessoas em situação de rua).



Figura 2. Apresentação dos resultados. 12/12/2018.

Foto: Jordana Braz

Estar com o grupo de formação em uma atividade na rua possibilitou entender que para pensar os indícios das violências simbólicas de uma instituição cultural não basta olhar apenas para o lugar, mas sim para sua totalidade. O território onde ela está inserida é importante para compreender a dinâmica que a instituição possui. Neste ponto da análise, o geógrafo Milton Santos nos ajuda a entender teoricamente o foi notado na atividade prática realizada no circuito cultural PopRua.

² Técnica de criar textura por fricção.



Figura 3. Apresentação dos resultados. 12/12/2018.

Foto: Jordana Braz

Após a atividade, o grupo se encontrou e compartilharam suas produções artísticas e as reflexões circularam por temas como: um cemitério indígena que existe na região do Largo da Batata e que interfere na ampliação das obras do metrô Faria Lima, o bairro de Pinheiros ter duas versões, sendo o lugar do trabalho e progresso, mas sendo também um lugar com várias casas de prostituição, Pinheiros como um bairro higienista e que nos últimos meses intensificou a repressão contra as pessoas em situação de rua, repressão por parte da polícia militar e também pelos comerciantes e moradores da região e Pinheiros como um bairro ainda pouco explorado, com espaços culturais pouco conhecido, como o espaço cultural chamado A CASA museu do objeto brasileiro.

A troca de experiência entre os profissionais da área da saúde e assistência social foi importante para que eles familiarizassem com os arredores do Instituto Tomie Ohtake e pensassem em possibilidades de atuação na região, agregando o conteúdo da formação do Circuito Cultural PopRua com a visita.



Figura 3. Apresentação dos resultados 12/12/2018.

Foto: Jordana Braz.

O Instituto Tomie Ohtake está localizado na região do Alto de Pinheiros, constituída por uma área residencial de classes média e alta na cidade de São Paulo. Possui a av. Pedroso de Moraes como uma de suas avenidas principais e com grande presença de lojas automobilísticas, supermercados e empresas de engenharia. A atividade realizada na rua possibilitou entender que as violências simbólicas possivelmente encontradas no Instituto Tomie Ohtake são sintomas da segregação que pode ocorrer no bairro.

3.2. Análise das entrevistas

A transcrição das entrevistas contou com as respostas dos dois educadores que propuseram as atividades nas formações dos profissionais de saúde e assistência social pela parceria do circuito cultural PopRua e uma assistente social que participou da formação. Além da participação da formação, a assistente social entrevistada levou um grupo de atendidos, composto por pessoas em situação de rua, para visitar o Instituto Tomie Ohtake sem o auxílio do educativo da instituição. A assistente social visitou o instituto no período da exposição História Afro Atlânticas, de curadoria de Lilia Schwartz e Hélio Menezes, no mês de setembro de 2018.

Através da entrevista, foi possível perceber que a formação dos profissionais da área da saúde e assistência social também foi um modo de acesso destes próprios profissionais para o Instituto Tomie Ohtake. A assistente social entrevistada não era frequentadora do Instituto Tomie Ohtake até acontecer a parceria com o SMDHC, conforme aponta em sua resposta:

Eu conhecia o Instituto de ouvir falar, pensei em visitar para ver exposição, mas não tinha ido. Então, eu conhecia de passar na frente, de ver o prédio rosa de fora que chama atenção na avenida, mas entrar e conhecer por dentro como era foi uma novidade para mim. Conhecendo o instituto por dentro, eu conhecia o trabalho, mas conhecer o espaço não e foi bem bacana a experiência de conhecer o instituto, ser acolhido por vocês, o pessoal que trabalha que deram o curso para a gente. Conhecer o instituto fisicamente, a estrutura foi bem legal. (assistente social)

Quando perguntada sobre a percepção de alguma sensação de estranhamento, e que poderia indicar violência simbólica, por parte do grupo atendido pela assistente social, a resposta indicou que o tratamento acolhedor por parte dos educadores do Instituto Tomie Ohtake com o grupo amenizou qualquer possibilidade de incômodo:

Sobre o incômodo, eu não percebi eles se sentindo incomodados de estarem ali. Na verdade, eles se sentiram bem recebidos. Quando a gente tava na porta, o educador chegou e falou “Entra, toma um café uma água” e um deles virou e falou “Vocês estão recebendo a gente como gente!” e isso me chamou muito a atenção. (assistente social)

Os dois educadores do Instituto Tomie Ohtake, responsáveis pelas visitas às exposições e pela formação dos profissionais da área da saúde e assistência social, foram perguntados sobre se perceberam alguma demonstração de incômodo por parte do grupo de pessoas em situação de rua. Nas respostas de ambos os educadores (que serão identificados como educador 1 e educador 2) o possível incômodo ou estranhamento com o instituto durante a visita não foi percebido, mas chamaram a atenção dos educadores que a presença daquele grupo naquele espaço provocou reflexões sobre a presença, ou a ausência, de pessoas não brancas no ambiente:

Durante a visita em si, não teve nenhum incômodo. A visita que a gente fez, eu e o outro educador, não teve nenhum incômodo com a instituição, aparentemente. Eles fizeram observações que muitos grupos fazem, que os corpos negros estão em posição de trabalho enquanto, em outros cargos, a gente tem pessoas brancas e etc... mas assim, não teve incômodo no sentido de... isso é um incômodo, né? Mas no sentido de ter acontecido alguma outra coisa, não. Isso virou assunto de debate, inclusive, na visita para pensar quais os lugares que

o corpo negro está ocupando nas instituições, quem tá nos lugares de poder e etc. E como essas estruturas perpetuam. (educador 1).

A participação do grupo de pessoas em situação de rua na visita foi algo mencionado positivamente pela assistente social, que contou sobre a visita que ela realizou sem o auxílio dos educadores do Instituto Tomie Ohtake. Tal acontecimento é importante indício que o tratamento acolhedor dado pelos profissionais do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake agiu na noção bem estar do grupo:

E foi algo que surpreendeu eles assim “Nossa, vou conhecer o prédio rosa da avenida” e foi bem legal. Acho que nós tivemos um momento antes da exposição, que ficamos numa sala e disponibilizado um material de arte para desenhar, foi um momento muito bacana para a gente estar com eles e fortalecer os vínculos com a equipe porque no dia não tinha só eu, tinha outros profissionais. Eles foram desenhando, enfim... ficamos falando sobre algumas coisas e ai quando a gente foi para a exposição, tem uma das pessoas que nós atendemos que não sabe ler nem escrever e eu fiquei perto dele na exposição e falando com ele sobre as obras, explicando algumas coisas, trocando aquilo que ele estava tendo de percepção porque tinha algumas obras que estavam escritas e foi bem interessante esta troca com ele. Vê-lo na exposição e tendo esta vivência cultural, mesmo com a dificuldade de ler e escrever, mas estava ali tendo uma vivência cultural importante e riquíssima. E para todas as outras pessoas que estavam lá também... teve um que ficou falando muito “Nossa, eu nunca vi um quadro desses!” ele me perguntava “É de verdade mesmo?” e eu falava “Sim é de verdade, foi uma pessoa que pintou” ele falou “Nossa, eu nunca vi uma pintura dessa, uma tinta dessa, uma tela dessa!” então, foi muito bacana ver eles tendo esse contato, tendo essa experiência, foi bem interessante. (assistente social)

Este trecho da entrevista dialoga com o que Isaura Botelho e Maria Carolina Vasconcelos Oliveira trazem no texto *Centros Culturais e Novos Públicos*, onde afirma que centros culturais que oferecem atividades em que o público é participante ativo da vida cultural. Segundo as autoras:

“Os públicos são potencialmente ativos e produtores, desde que aquilo que se apresenta à sua experiência (que pode ser de início fortuito ou eventual) se transforme, por meio do domínio dos códigos das linguagens em pauta, num interesse continuado que lhes permita passar de uma atitude passiva e sem diálogo com as obras a uma relação reflexiva e enriquecedora. O gosto é assim trabalho, mediado por uma aprendizagem que desvela códigos, normas, a evolução e a história dessas linguagens. Muito dificilmente alguém se fascina com uma obra de arte contemporânea num primeiro contato. É preciso dominar alguns códigos para travar um diálogo com ela.” (BOTELHO; OLIVEIRA, 2016, p. 265)

O trecho acima menciona que os públicos são potencialmente ativos e que uma “primeira” ou “única” experiência não basta para que aprendam códigos que auxiliem

na experiência. No Circuito Cultural PopRua, o trabalho de formação aos funcionários e as visitas à exposição precisam ser contínuos para que o “gosto” e a “dominação de alguns códigos” sejam ativados.

Tal consideração também aparece na fala do educador 2:

E após os primeiros encontros, pudemos perceber sim uma aproximação maior. Isso se deve também, eu preciso ressaltar, a exposição que se encontrava naquele momento, Histórias Afro-Atlânticas, uma exposição que dialoga sobre maneiras com o trabalho já desenvolvido pelas equipes técnicas, mas também com as histórias de vida das pessoas atendidas. Essa aproximação deve ser pensada, no mínimo, a médio prazo, então, estamos e processo ainda. Fica a ver se essa aproximação vai permanecer ao longo de 2019, inclusive porque o programa de exposição de 2019 a que tudo indica será bem distinto do 2018. De toda forma, nos interessa que essa aproximação continue. Os participantes e as participantes dizem se interessar também e aí fica uma tarefa para a gente conseguir articular e dar condições para que essa aproximação se mantenha, cedendo espaço, propondo programações de interesse, propondo a continuidade dessa formação que não é algo que nós temos garantido. Mas enfim, pensar realmente que é preciso garantir que essa aproximação continue, é preciso dar condições para que essa aproximação continue, tanto continuando a formação com esses profissionais como também com o tempo entendendo melhor o que os interessa, como o instituto pode ser aí um auxílio, pode prestar um auxílio ao trabalho desenvolvido por essas pessoas. (educador 2)

Na resposta do educador 2, a questão da continuidade das ações da parceria é mencionada e é algo determinante para este trabalho. Após coletar as informações, entende-se que a escolha do circuito cultural PopRua ajudou na compreensão da territorialidade como fator importante para o acesso de novos públicos na instituição cultural, além de evidências que as ações educativas desenvolvidas pelo Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake são eficazes na diminuição do sentimento de exclusão por parte dos grupos visitantes graças ao comportamento acolhedor dos educadores da instituição.

Porém, ainda é cedo para afirmar que tal parceria é eficaz na diminuição das barreiras simbólicas por dois motivos: o primeiro é que a parceria está em processo e é sua primeira vez em parceria com o Instituto Tomie Ohtake e o segundo é que a parceria prevê a formação dos profissionais para que eles trabalhem os conteúdos teóricos e práticos com os públicos que eles atendem, mas o público atendido não é fixo e isso impossibilita ter o conhecimento se através da formação, o público em situação de rua acessariam os centros culturais com frequência. No caso, se os atendidos acessariam o

Instituto Tomie Ohtake sem o acompanhamento de algum profissional vinculado à secretaria municipal de direitos humanos e cidadania.

Considerações Finais

Tanto o acompanhamento da última reunião do Circuito Cultural PopRua quanto as entrevistas forneceram novas perspectivas para pensar a relação entre públicos e instituição cultural no tocante da violência simbólica. O acompanhamento da reunião permitiu entender que a questão da violência simbólica não é concentrada na instituição, mas sim no território em que ela está inserida.

No caso do Instituto Tomie Ohtake, localizado em Pinheiros, zona oeste de São Paulo, as ações socioeducativas podem enfrentar obstáculos devido a região ser constituída por centros empresariais e ser considerada uma área nobre da cidade. Mesmo com ações educativas interessantes, conseguir assiduidade de novos públicos pode não ser eficaz devido à locomoção também, já que para as parcerias é necessário transporte para levar o público atendido.

No que diz respeito a parceria com o Circuito Cultural PopRua, as entrevistas nos forneceram caminhos para pensar o quanto o acesso à cultura é parte da formação dos cidadãos e que é uma área de interesse para profissionais que atuam no bem estar e saúde. Foi surpreendente ter o conhecimento que o Circuito Cultural PopRua é uma parceria desenvolvida pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania com centros e instituições culturais, como o Instituto Tomie Ohtake, e que o programa seja dividido em formação dos profissionais de saúde e assistentes e visitação ao aparelho cultural para que o trabalho continuado estimule a aproximação e estreite laços entre os sujeitos e as instituições culturais.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, Isaura; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. Centros Culturais e a formação de novos públicos. In: **Dimensões da cultura: políticas culturais e seus desafios**. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

BOURDIEU. P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____ **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

CABRAL, Magaly. Potencializar a comunicação com o público. In: **História do Ensino da Arte: Experiências**. Ação Singulares 2. Instituto Tomie Ohtake, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1 ed., 3.reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

STOER, S.; MAGALHÃES, A.; RODRIGUES, D. **Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica**. – São Paulo: Cortez, 2004.

Página oficial do Comitê PopRua. Disponível em <
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/participacao_social/conselhos_e_orgaos_colegiados/comitepoprua/ . Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

Página oficial do Instituto Tomie Ohtake.<<https://www.institutotomieohtake.org.br/>>
Acesso em: 5 de dezembro de 2018.